

Editores da Coluna Opinião

30-04-2025

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 337, maio 2018, Trabalhadores Anônimos]

Nossos mortos de 1º de maio

Ao longo do século XIX, chegavam a Chicago milhares de americanos e imigrantes em busca de oportunidades de trabalho. Vários movimentos operários conviviam na luta por melhores condições de trabalho. Uma das suas principais reivindicações era a redução da jornada de trabalho para 8 horas, seguindo uma palavra de ordem: «oito horas para o trabalho, oito horas para o sono e oito horas para a casa». A maioria dos operários americanos era afiliada à Nobre Ordem dos Cavaleiros do Trabalho, mas a Federação Americana do Trabalho, de origem anarcossocialista, exercia maior influência sobre os operários. Em 1884, a Federação decidiu que a partir de 1º de maio de 1886 a duração da jornada de trabalho passaria a ser legalmente de 8 horas. Caso a reivindicação não fosse acatada, os trabalhadores fariam uma greve geral. A resolução repercutiu intensamente, pois trabalhadores viam a jornada de trabalho de 8 horas como a possibilidade de aumentar postos de trabalho, diminuindo o desemprego. Entre os dois anos programados para a mudança reforçaram-se os elos de solidariedade e mobilização dos trabalhadores. Contudo, a imprensa rotulava o movimento operário pelas 8 horas de trabalho como «indigno e desrespeitoso», «delírio de lunáticos pouco patriotas», que pedir isso era «o mesmo que pedir que se pague um salário sem cumprir nenhuma hora de trabalho». A Nobre Ordem se posicionou: «Nenhum trabalhador afiliado a esta central deve fazer greve no 1º de maio já que não demos nenhuma ordem a respeito». O comunicado foi uma traição ao movimento operário e foi rechaçado de imediato por todos os trabalhadores dos EUA. Nos jornais na véspera da greve se lia: «Além das oito horas, os trabalhadores vão exigir tudo o que possam sugerir os mais loucos anarcossocialistas»; o *New York Times* dizia: «As greves para obrigar ao cumprimento das oito horas podem fazer muito para paralisar nossa indústria, diminuir o comércio e frear a renascente prosperidade de nossa nação, mas não lograrão seu objetivo»; o *Filadélfia Telegram* assim se manifestava: «O elemento laboral foi picado por uma espécie de tarântula universal e se tornou totalmente louco: pensa precisamente neste momento em iniciar uma greve pelo logro do sistema de oito horas»; o *Indianapolis Journal* dizia: «As passeatas, as bandeiras vermelhas, os impetuosos discursos de palhaços e demagogos que vivem dos impostos de homens honestos mas iludidos, as greves e ameaças de violência, assinalam o início do movimento»; e o *Chicago Tribune* assinalava: «O chumbo é o melhor alimento para os grevistas. A prisão e os trabalhos forçados são a única solução possível para a questão social. Espera-se que seu uso se estenda». Esse comportamento da imprensa aguçava o ódio entre a classe operária e burguesa e justificava a selvageria dos donos das fábricas, cujo Departamento de Polícia atuava como sua força privativa. Grande parte dos policiais recebia propinas das organizações patronais, além do salário.

Antes do movimento pelas 8 horas, dizia um artigo do *Chicago Tribune*, de 1875: «Todos os postes de luz de Chicago serão decorados com o esqueleto de um socialista, se é necessário, para evitar que se propague o incêndio e para prevenir qualquer tentativa subversiva». Em Chicago, no dia 1º de maio de 1886, 200.000 trabalhadores iniciaram a greve e outros 200.000 ameaçavam parar. As mobilizações se seguiram, sendo que uma fábrica continuava trabalhando. Em 2 de maio, a polícia dissolveu violentamente uma manifestação com 50.000 trabalhadores e no dia 3 na saída de um turno de fura-greves, houve uma batalha campal. Um pelotão de policiais disparou à queima-roupa sobre a multidão, com 6 mortos e dezenas de feridos. O redator Fischer do jornal *Arbeiter Zeitung* imprimiu panfletos com a declaração que foi utilizada como prova de acusação no julgamento que o levou à forca: “*Trabalhadores: a guerra de classes começou. Ontem ... fuzilaram operários. Seu sangue pede vingança! Quem poderá duvidar agora que os chacais que nos governam estão ávidos do sangue dos trabalhadores? Mas os trabalhadores não são um rebanho de carneiros. Ao terror branco respondamos com o terror vermelho! É preferível a morte que a miséria. Se fuzilam trabalhadores, respondamos de tal maneira que os patrões lembrem-se disso por muito tempo. É a necessidade o que nos faz gritar: Às armas! Ontem, as mulheres e os filhos dos pobres choravam seus maridos e seus pais fuzilados, ... nos palácios dos ricos enchiam caras taças de vinho e brindavam à saúde dos bandidos da ordem... Secai vossas lágrimas, vós que sofreis! Tende coragem, escravos! Levantai!*” Em 4 de maio, na Revolta de *Haymarket*, 20.000 trabalhadores foram reprimidos por 180 policiais. Um artefato explodiu entre os policiais produzindo um morto e feridos. Os policiais abriram fogo contra a multidão matando e ferindo um número até hoje desconhecido de operários. Foi declarado estado de sítio e toque de recolher, com centenas de trabalhadores detidos, golpeados e torturados, acusados de assassinato do policial. O julgamento que culminou com a condenação de 8 pessoas primou pelas irregularidades e violação das normas processuais, a ponto de ter sido qualificado como uma farsa. Três réus foram condenados à prisão e cinco à forca, no dia 11 de novembro de 1887 (G. Engel; A. Fischer; A. Parsons, que não esteve na manifestação, mas se entregou para estar com seus companheiros e foi julgado igualmente; A. Spies; L. Linng, que se suicidou na cela). No mesmo mês do massacre, setores patronais concordaram com as 8 horas. A Federação dos Sindicatos expressou: «Jamais na história deste país houve um movimento tão grande entre as massas operárias industriais. O desejo de diminuição da jornada de trabalho impulsionou milhões de trabalhadores a filiarem-se às organizações existentes, quando até agora haviam permanecido indiferentes à luta sindical». No Congresso Operário Socialista da Segunda Internacional (Paris/1889), o 1º de maio passou a ser uma jornada de luta reivindicativa e de homenagem aos *Mártires de Chicago*, sindicalistas anarquistas e socialistas. Nos Estados Unidos não se celebra o dia do trabalho nesta data. O *Labor Day* americano foi instituído na primeira 2ª feira de setembro, por temor de que a data de maio reforçasse o movimento socialista nos Estados Unidos. ■■■

Nota: adaptado do capítulo 6 do livro *Saúde, Trabalho, Direito: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória*, disponível em nosso blog www.multiplicadoresdevisat.com

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.